

Abertura de saúde e previdência criará mercado de US\$ 5 bilhões

ANGÉLICA WIEDERHECKER

A possível abertura dos setores de saúde e previdência complementar ao capital estrangeiro pode gerar um crescimento deste mercado em cerca de US\$ 10 bilhões num período de cinco anos. Estes dados fazem parte de levantamentos informais feitos por grandes empresas que atuam nas áreas de seguro de vida, saúde e previdência aberta. O Banco Nacional por exemplo, avalia que só no primeiro ano que seguirá a esta abertura o novo mercado será de US\$ 5 bilhões. Hoje, o patrimônio dos fundos de previdência e planos de saúde já foi de US\$ 55 bilhões.

Fontes do setor ressaltam que, no entanto, este não é um número fechado, já que o Governo ainda não detalhou a proposta que será enviada ao Congresso Nacional. "Não foi acertado o teto das aposentadorias pagas pelo Estado, disse um representante de empresas de seguro privado e capitalização em Brasília. "Além disso, os investimentos dependem da evolução da renda da população e do crescimento do PIB nos próximos anos".

Parte do setor vê com bons olhos a proposta do Governo, já que "será feito um redimensionamento da participação do Governo tanto na previdência como na saúde, espaços até hoje amplamente ocupados pelo Estado". Para o deputado federal do PSDB paulista, Ayres da Cunha, proprietário de empresa que atua no setor de assistência médica, a Blue Life, "a abertura do mercado é sinal de concorrência, e por isso, incremento do mercado".

Cunha disse não se entender ameaçado pela perspectiva de competir, no futuro próximo, com concorrentes de mercados como o americano e canadense, famosos por seus serviços de qualidade. "Os preços de seguros saúde nos Estados Unidos giram em torno de US\$ 170 mensais, enquanto aqui, a média é de cerca de US\$ 40", explicou Ayres.

Ele afirmou que o custo operacional das empresas estrangeiras é bastante superior ao das nacionais, o que vai fazer que haja um prazo inicial de acomodação às regras do mercado brasileiro. Segundo Cunha a abertura será mais positiva se privilegiar a construção de hospitais com tecnologia e know-how estrangeiros, em detrimento da ampliação de oferta de planos de assistência médica.

Analistas de mercado prevêem que a entrada do capital externo será favorável porque haverá mais investimento no setor produtivo do País, tanto de bens como de serviços. "Os seguros de vida e previdência complementar representam investimentos de longo prazo, o crescimento da captação de recursos implica em maior acumulação de reservas por parte das empresas, que não deixam estes recursos parados, eles têm de ser aplicados para render", esclareceu o assessor de uma federação de empresas de previdência complementar aberta.

O deputado federal Eduardo Jorge (PT-SP), observou que "seria uma ingenuidade muito grande supor que esta abertura vai melhorar o problema da saúde e da previdência no Brasil". Para ele, as empresas estrangeiras vão prestar serviços com custo altíssimo, atendendo, portanto, a um pequeno segmento da população que tem alto padrão de vida. O deputado petista avalia que os hospitais e seguros vindos de fora vão atingir, se muito, 5% da população.